

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DELITOS NA AMAZÔNIA: A ESPACIALIZAÇÃO DO CRIME DE FURTO NO
BAIRRO MÓDULO V EM JUÍNA/MT**

Autor: Gustavo dos Reis Amorielo

Orientadora: Profa. Ma. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2013

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DELITOS NA AMAZÔNIA: A ESPACIALIZAÇÃO DO CRIME DE FURTO NO
BAIRRO MÓDULO V EM JUÍNA/MT**

Autor: Gustavo dos Reis Amorielo

Orientadora: Profa.Ma.Marina Silveira Lopes

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia, do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

JUÍNA/2013

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

BANCA EXAMINADORA

PROFA.Ma. ANA LETICIA DE OLIVEIRA

PROFA.Ma. DENISE PERALTA LEMES

**PROFA.Ma. MARINA SILVEIRA LOPES
ORIENTADORA**

AGRADECIMENTOS

Em meus agradecimentos, por mais que sejam muitas as pessoas que gostaria de lembrar, primeiramente agradeço a Deus por me fortalecer com saúde, paz e persistência diante dos momentos frágeis e difíceis em mais essa vitória.

Agradeço também pelas grandes conquistas ao conhecimento que pude obter através dos estudos fazendo com que abrisse cada vez mais as portas da informação e do saber adquirido em minha vida. Acredito que sem entusiasmo, perseverança, dedicação e confiança, eu não estaria realizando mais um sonho, mesmo tendo encontrado muitas dificuldades no caminho.

Agradeço as professoras Ana Leticia de Oliveira e Denise Peralta Lemes, pelo apoio que cada uma delas e pela parcela de contribuição com este trabalho monográfico durante o tempo presente nesta instituição de ensino aos educadores que me ensinaram, por mais que achamos que o nosso conhecimento já está bastante profundo, mais vimos que estamos enganados, pois o conhecimento é algo que está sempre se renovando.

Não poderia deixar de ressaltar a professora Ma. Marina Silveira Lopes, que diante de minhas necessidades me socorreu auxiliando e traçando os caminhos a serem seguidos para que este trabalho monográfico pudesse chegar a sua finalização, sendo necessárias disponibilidades por parte desta que foi minha orientadora, contribuindo com propostas e sanando as imprecisões no decorrer dos trabalhos. E mesmo com o pouco tempo que tínhamos por motivos trabalhistas por parte deste acadêmico, conseguimos superar.

Aos amigos de sala que iniciamos o curso com grandes dificuldades e unidos terminamos a nossa batalha, que por meio de vários limites e conquistas, encontrei novos caminhos e novas amizades, aos Delegados de Polícia e colegas de profissão.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma direta e indireta puderam contribuir com este trabalho para que este pudesse ser realizado.

E por mais que o caminho seja árduo e difícil é necessário seguir em frente, pois quando a batalha estiver no final, olharei para trás sentindo-se vencedor.

Obrigado a todos por tudo!!

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais e irmãos que me deram total apoio, e a toda a minha família que acreditaram em meu potencial não medindo esforços em sempre me ajudar. Em especial a minha esposa e ao meu filho que em vários momentos e nas mais diversas horas precisei estar ausente se dedicando aos estudos para que este sonho se concretiza-se. Obrigado por tudo.

EPÍGRAFE

“Quanto mais aumenta nosso conhecimento,
mais evidente fica nossa ignorância”.

(John F. Kennedy)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Juina, vista aérea cortada o bairro módulo I	19
Figura 2 - Espacialização Módulos I e II	21
Figura 3 - Espacialização Módulo V.....	22
Figura 4 - Espacialização Módulo VI.....	23
Figura 5 - Espacialização Padre Duílio	24
Figura 6 - Espacialização Palmeira.....	25
Figura 7 - Espacialização Vila São José Operária	26
Figura 8 - Espacialização Setor Industrial.....	27
Figura 9 - Vista parcial do Módulo I	37
Figura 10 - Vista parcial do Módulo II	37
Figura 11 - Vista parcial do Módulo IV.....	38
Figura 12 - Vista parcial do Módulo V.....	39
Figura 13 - Mapa da divisão do Bairro Módulo V.....	40
Figura 14 - Vista parcial do Módulo VI.....	41
Figura 15 - Bairro Setor Industrial	41
Figura 16 - Vista Parcial da Palmeira.....	42
Figura 17 - Vista Parcial da Padre Duilio	43
Figura 18 - Vista Parcial do São José Operário	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparativo dos crimes de furto nos bairros de Juina.....	36
---	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estado Civil	45
Gráfico 2 - Distribuição por faixa etária	46
Gráfico 3 - Renda Mensal.....	47
Gráfico 4 - Quantas vezes sua residência ja foi furtada no período de Janeiro a Outubro deste ano?	49
Gráfico 5 - Na sua opnião qual o motivo que leva o individuo a cometer o crime de furto	49

RESUMO

A revolução industrial proporcionou o avanço tecnológico e a disseminação do capitalismo, essa combinação trouxe interesses aos seres humanos, no intuito de possuir casa vez mais as coisas ofertadas pelo mercado. Entretanto, trouxe também a desigualdade social, enquanto uns podem ter tudo outros não tem o básico para uma vida digna, dentro dos parâmetros da contemporaneidade. A desigualdade social em países, como o Brasil, leva a altos índices de violência, designada de várias maneiras. Uma delas o crime de furto. Desde os primórdios, os delitos estão presentes nas sociedades, sendo assim, o município de Juína ao Noroeste de Mato Grosso, não poderia ser diferente. Percebeu-se que o crime de furto tem uma espacialização heterôgenia na cidade, concentrando-se no período de Janeiro a Outubro de 2013 no bairro Módulo V. Assim buscamos identificar os motivos que levaram á esse delito, principalmente, nas residências desse bairro. Para tal, foram pesquisadas dez residências que fizeram boletins de ocorrências na delegacia de policia judiciária civil e policia militar. No trabalho de campo, foi elaborado um questionário com dez perguntas fechadas a dez famílias vítimas do crime de furto escolidas aleatoriamente. Estas famílias registraram boletins de ocorrências nos órgãos da Policia Judiciária Civil ou Policia Militar do município. Concluimos que o crime de furto é praticado por alguém, em estado de extrema necessidade de sustentar os mais tipos de vícios, e o que chama mais atenção são aqueles voltados ao uso de entorpecentes, por isso procuram se aproveitar da vulnerabilidade e da oportunidade para cometerem tais crimes.

Palavras-chave: Crime de Furto. Espacialidade. Bairro Módulo V. Juína.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - A RAINHA DA FLORESTA E A CAIXA DE PANDORA: a metamorfose do espaço geográfico de Juina	15
1.1 A RAINHA E OS SEUS SÚDITOS: ESPACIALIZAÇÃO E ESPECIALIDADE DOS BAIROS JUINENSES	20
CAPÍTULO II - FURTO OU FRUTO DE UMA SOCIEDADE COMPLEXA?	28
2.1 A CIDADE: AS METAMORFOSES E A VIOLÊNCIA	30
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.1 TRABALHO DE CAMPO	34
CAPÍTULO IV - “A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE” DOS BAIROS JUINENSES	35
4.1 ANÁLISE DE GRÁFICOS	45
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

Nas civilizações antigas não existiam leis regulamentadas, mas admitia-se, em seu códigos, a legitimidade da posse das propriedades que viessem dos frutos advindos do trabalho como a caça, o cultivo da terra e os artesanatos. E, para que isso fosse possível, existia o convívio social estava pautado no respeito mútuo, que impunha os limites morais e condutas éticas nessas civilizações para que às isentassem do furto e/ou roubo. O direito à propriedade é o de conservar aquilo que é seu e que foi legalmente adquirido, podendo usar e dispor dos objetos à vontade, quando e de forma que quiser, sem à interferência do outro.

Na Idade Média, vigorou-se o Direito Penal Comum, que se dividiu em três acontecimentos, o primeiro foi o Direito Romano que prevaleceu ao longo dos tempos com grande influência da religião e admitia-se como uma das punições a pena de morte e os duelos mortais. O Direito Germânico veio a seguir e imputa ao infrator as punições de água fervendo e a do ferro em brasa. Essas punições seladas em leis escritas, mas apenas questões de costumes que tinham resquícios do Direito Romano e prevaleciam as ordálias¹. Num processo de conquistas históricas surge o Direito Canônico, no qual trazia a diferença entre a culpa quando a pessoa comete o fato sem intenção de prejudicar o outro, o dolo que é o contrário, quando existe intenção do autor em promover a ação e o fortuito quando as ações são provocadas com a intenção de uma outra pessoa, punindo o autor mediante os danos cometidos. Aboliu-se, então a crueldade, os duelos mortais, substituindo-se pela privacidade da liberdade fazendo com que acontecesse o arrependimento do autor (GRECO, 2013).

Ainda no Medievo, os crimes foram caracterizados por suas crueldades, as pessoas não viviam com segurança, uma vez que o juiz poderia aplicar qualquer tipo de pena, até mesmo aquelas que não estavam previstas em lei. Foi só na Baixa idade média com a entrada da Idade Moderna que começaram a mudar as penas. A obra escrita por Marquês de Baccaria², *Dos Delitos e das Penas*, foi um grande

¹ Ordálias. Significava Senteça Divina, tinha a finalidade de se averiguar a inocência ou a culpa do acusado, esperando pela intervenção divina que deveria intervir, favorecendo aquele que tivesse posse da razão, resolvendo-se então o conflito.

² Cesare Bonesana, Marquês de Baccaria. Jurista e economista italiano nascido em Milão cuja ideias influenciaram o direito penal moderno. Foi influenciado pelas ideias dos franceses Voltaire, Montesquieu e Rousseau

marco, trazendo os três eixos do pensamento de Baccaria, o princípio da legalidade, da proporcionalidade e do utilitarismo.

No princípio da legalidade tinha-se o pensamento que a pena só seria imposta mediante a lei, cabendo ao juiz não impôr de forma arbitrária qualquer tipo de pena que viesse à sua cabeça. Entretanto, na proporcionalidade trazia que os crimes com diversos graus de ofensabilidade deveriam ser julgados com diferentes penas ou seja, Baccaraia defendia que cada crime deveria ter sua pena proporcional a tal. Já no utilitarismo, o crime tinha que ter uma pena útil e não cruel, como pensava os idealizadores na Idade Média (GRECO, 2013).

Com a Idade Moderna, chega primeira revolução tecnológica, trazendo outros anseios e desejos, ligados ao consumo, propulsor do capitalismo. Nesse período, os conflitos sociais cresceram e com eles os delitos. Percebe-se, então, que um dos maiores desafios da sociedade moderna é presenciar o estímulo cada vez maior ao consumo e o hedonismo, onde a felicidade é embasada no ter, naquilo que o dinheiro pode comprar.

A globalização recente ajudou a propagar a voracidade do consumo e, o Brasil não ficou isolado a esse contexto. Esse desenfrear consumista trouxe inúmeros problemas nas esferas sociais. Assim, na tentativa de erradicar ou pelo menos amenizar tais problemas que convergem diretamente aos anseios do consumo e dos prazeres, como baixa escolaridade, baixa renda, criminalidade e violência, torna-se necessário aliar forças entre o estado e a sociedade para promover um encontro efetivo entre os direitos e deveres da população para possibilitar um comportamento social que se adeque aos padrões morais e éticos da sociedade brasileira.

Durkheim (2001), diz que o crime não é uma anomia social e, sim um fato social. Ele o qualifica como sendo uma normalidade por estar presente em todas as sociedades e passível de pena e repreensão. Entretanto, o fato de constituir a criminalidade uma prática antissocial capaz de dificultar a paz e a tranquilidade de uma população, o crime faz com que as leis estejam presentes e com a necessidade iminente de serem cumpridas. Ele é portanto “(...)necessário, está ligado a qualquer vida social e precisamente por isto é útil, porque estas condições a que estão

ligadas são indispensáveis para a evolução normal da moral e do direito”. (DURKHEIM, 2001, p. 93),

Neste caso, o autor se refere que o crime é um dos agentes reguladores da sociedade, pois assim, ele trará mudanças sempre que ela for deafiada. Ampliando o seu raciocínio, Durkheim é decisivo em observar que, para que haja o progresso da sociedade, é necessário que sua originalidade seja manifestada, e para que aconteça esta originalidade que ambiciona ultrapassar os séculos, é preciso que a do criminoso que está aquém do seu tempo o possa também ultrapassar estes limites. Não pode existir uma sem a outra (Durkheim, 2001), desta maneira, esse sociólogo contribuiu para os estudos da criminologia.

Sendo assim, a forma da qual se trata um fato social são promulgadas as leis em cada território com suas diversas formas de aplicabilidade. A criminalidade carece de uma atenção especial das esferas governamentais, das escolas, dos centros de formação profissional, dos profissionais liberais, as instituições religiosas e da sociedade, mostrando que o bem estar social depende de cada um que compõe seu grupo específico.

Dentre as outras possibilidades de crimes, aberta com a contemporaneidade, que vai de assalto relâmpados até as virtuais, o furto, permanece diacrônico nas sociedades. E todos eles acontecem também nos limites de Floresta Amazônica. Juína, ao Noroeste do Estado do Mato Grosso, incrustada nesse bioma, vem sofrendo com esse crime. Cada vez mais frequente, ele teve um aumento significativo para o estilo de vida do município.

A cidade é recortada em dez bairros, sendo três centrais e os demais periféricos. Entre esses bairros periféricos, o Módulo V tem concentrado o maior número de ocorrências policiais com relação ao furto. É um bairro de grande dimensões que vem se desenvolvendo muito nos últimos anos. Nele estão instalados lojas, supermercados, empresas prestadoras de serviços etc e seus moradores são das mais variadas classes sociais. A incidência constante desse delito tem preocupado a população local, deixando a esfera pública atenta para conter essa mazela social, uma vez que esse tipo de crime desencadeia outros atos de violência contra o cidadão, promovendo um clima de impunidade, insegurança e preocupação com a população local.

Nesse sentido, optou-se por realizar a pesquisa nesse bairro, com a perspectiva de entender esse fato social que vem preocupando os habitantes juinenses do Módulo V. Para tal, levantamos os seguintes questionamentos: O crime de furto no Módulo V é maior que nos outros bairros no período de Janeiro a Outubro de 2013? Os moradores se sentem inseguros no bairro? Quem são as maiores vítimas desse tipo de crime?

Para responder essas questões buscou-se junto a delegacia de policia do município as ocorrências feitas no período em questão. Após o levantamento, foi feita uma visita *in loco* a dez vítimas, as quais responderam um questionário fechado qualitativo, abordando vários temas atinentes ao fato. Realizamos, também uma entrevista com o Delegado de Polícia o Dr. Rodrigo Costa Rufato que nos relatou sobre a incidência desse crime no município.

Pretendeu-se, com essa pesquisa, promover possíveis ações que ajudem a esfera pública a amenizar essa incidência criminosa no bairro, identificar as possíveis causas que levam as pessoas a cometerem este crime nesse bairro; procurou-se também, coletar dados quantitativos para o mapeamento deste crime, além de averiguar qual o horário propicia o aumento desse delito.

Assim, estrutura-se esse trabalho da seguinte maneira, *Capítulo I: A Rainha da Floresta e a Caixa de Pandora*: a metamorfose do espaço geográfico da cidade polo de Juina, que trouxe a história de Juína e a espacialização do desenvolvimento da cidade, bem como a transformação do espaço geográfico e consequente espacialização e espacialidade dos bairros que se formaram nas três décadas do município. Já o *CAPÍTULO II: Furto ou Fruto de uma Sociedade Complexa*, trás a violência no cotidiano juinense, em seguida, a metodologia, as análises e discussão, conclusão, as referências utilizadas e os anexos. *CAPÍTULO III: Procedimentos Metodológicos*, *CAPÍTULO IV: “A construção da Realidade” dos bairros juinenses*, a conclusão e as referências.

CAPÍTULO I - A RAINHA DA FLORESTA E A CAIXA DE PANDORA: a metamorfose do espaço geográfico de Juína

Trazer o mito grego de Pandora para dentro da realidade urbana de Juína é colocar em evidência as mazelas sociais que permeiam todas as sociedades complexas da contemporaneidade. Para a mitologia grega essas mazelas não existiram se elas fossem trancadas na caixa que foi dada à uma mulher. Pandora, a mulher perfeita, portadora de todas as dádivas, foi conduzida à terra e com ela a caixa ofertada por Zeus. Entretanto, num momento de insensatez, Epitemeu, seu marido, a abriu. Foi, assim que a senilidade, a insanidade, a doença, a inveja, a paixão, o vício, a praga, a fome e todos os outros males escaparam da caixa numa verdadeira diáspora pela terra. Desde então, os mortais lutam contra todas esses males, e buscam desesperadamente uma maneira de fazê-los retornarem à caixa.

Entretanto, nem mesmo na contemporaneidade conseguimos fechá-la e os males só têm aumentado. Nas sociedade complexas atuais, Velho (2003, p.09) contribui com uma possível explicação para o aumento dessas dissabores que assolam o mundo “um dos principais motivos seria o individualismo, as mudanças mais incisivas na identidade do indivíduo em suas experiências e vivências por traz da aparência”, nelas envolvem discussões sobre religião, arte, política, vida urbana, violência, entre outros, é uma sociedade com seus desafios, contradições e impasses.

Quando Juína nasceu na década de 1970, os males caixa de Pandora recaiu sobre as questões territoriais e indígenas. Atualmente, somando-se a eles existem aqueles patrocinadas pelo capitalismo neoliberal, que instiga cada vez mais o individualismo, o hedonismo e o consumismo.

O fenômeno social do consumo praticado pelo capitalismo que conhecemos hoje, é uma invenção da sociedade contemporânea e recorrendo a teoria de Dumond (1985) a cerca do individualismo, numa cultura material onde a posse e o uso de objetos se dá simplesmente porque a vida é assim, onde a cultura material reflete a posição social. Em uma sociedade onde a cultura material acontece pela lógica em ter ou não ter as condições de adquirir um objeto, num sistema social completamente aberto desprendido de suas regras, o individuo pode ser entendido

como um fenômeno sociológico. Nasce, então, aqui um indivíduo moderno e a nossa sociedade de consumo. (DUMONT, 1985)

Mauss (2003, p.86) coloca que o “fenomeno do consumo em nossa sociedade contemporânea é uma forma de representação coletiva, mais com interesses e esferas individuais”. A ideia de consumo moderno trazido por Mauss vai ao encontro à de Campbell (2001) quando traz a dialética entre o romantismo e o consumo, na esfera individual. O romantismo é crucial para entender o sistema cultural do consumo que vivemos e conhecemos hoje na sociedade contemporânea. Para o autor, o consumo é um fenômeno moderno que liga na verdade duas coisas, o econômico e o romântico. Para ele, uma das causas do consumidor moderno ter uma ânsia insaciável pela novidade está centrado no hedonismo, o sonho junto da imaginação, um hábito de sonhar acordado, pensando sempre na próxima experiência que dará prazer.

Campbell (2001), coloca que o hedonismo é dado por uma prática do indivíduo moderno em desejar algo que se nunca teve ou que não se teve experiência, é o anseio que ocorre sem o objeto real o qual é enfeitado e depois identificado como algo dos sonhos, é o consumo ou desejo de se consumir algo de seus sonhos e que se torna realidade.

Nesse viés, no mundo moderno e globalizado, o hedonismo se instaura em todos os espaços. Espacializa-se rapidamente, principalmente, nos centros urbanos, onde a informação é instantânea. Junto com o desejo de ter, instaura-se também, as desigualdades sociais. O desejo de ter e a desigualdade social estão em lados. Pois, nem sempre temos condições financeiras para ter o que desejamos com relação a materialidade. Tanto o desejo quando a pobreza são impulsionados pelo capitalismo. Quando o desejo é intenso e o dinheiro é pouco, tem-se um estímulo à criminalidade. Por isso, os males sociais acentuam-se nas cidades. Junto com o processo de urbanização, o progresso surge, diversos problemas também.

O hedonismo moderno e a urbanização estão intimamente ligados. Santos (1993) coloca que o fenômeno urbano é um processo de afastamento das características de zonas rurais de um lugar ou região. Às características urbanas, geralmente está associada ao desenvolvimento da civilização e das tecnologias. Demograficamente, o termo significa uma redistribuição da população das zonas

rurais para os chamados assentamentos urbanos dotados de uma área com infraestrutura necessária para o desenvolvimento humano em suas respectivas áreas, tais como a saúde, transporte, educação, além de outros tipos de serviços sociais. (SANTOS,1993)

O hedonismo moderno e a urbanização estão intimamente ligados. Santos (1993) coloca que o fenômeno urbano é um processo de afastamento das características de zonas rurais de um lugar ou região, As características urbanas, geralmente estando associadas ao desenvolvimento da civilização e das tecnologias. Demograficamente, o termo significa uma redistribuição da população das zonas rurais para os chamados assentamentos urbanos dotados de uma área com infraestrutura necessária para o desenvolvimento humano em suas respectivas áreas, tais como a saúde, transporte, educação, além de outros tipos de serviços sociais.

O autor trás a urbanização como um conceito geográfico que representa o desenvolvimento das cidades, onde ocorre o processo de construções de casas, prédios, redes de esgoto, ruas, avenidas, escolas, hospitais, redes elétricas etc. Corrêa (1990) diz que quando se efetiva esse processo, a paisagem geográfica, no entorno sofre com a ação antrópica para as reestruturações e adequações nas infraestruturas tais como a implantação de estradas, energia elétrica, organização dos bairros, pontes, estações de água e esgoto entre outras ações que vieram para beneficiar os moradores que com o decorrer do tempo evidenciaram atividades econômicas.

Por uma perspectiva clássica, os geógrafos conseguiram perceber que a paisagem é uma expressão materializada entre as reações do homem com o meio em um espaço determinado. Para muitos, a paisagem atrelava-se a possibilidade tão somente como a visual, ou seja, aquilo que está somente em seu campo de visão. Santos (1997) concebe paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma. Neste sentido, o autor considera paisagem geográfica como “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. Ou ainda, “a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos” (SANTOS,1997, p.73).

O autor diferencia paisagem geográfica de espaço geográfico. A paisagem geográfica é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal juntando objetos. O espaço é sempre o presente, uma construção horizontal, uma situação única. Ou ainda, paisagem geográfica é um sistema relativamente mutável, espaço é um sistema de valores que não se transforma permanentemente. São nesses espaços emoldurados pela paisagem que nasceu Juina.

Em entrevista com um dos projetistas do município, o engenheiro Hilton Campos disse que no meio da exuberante paisagem amazônica, na qual habitavam nações indígenas como verdadeiros irmãos do reino vegetal, animal e mineral, deu origem ao município de Juina. Seu nome deve-se ao rio Juina-Mirim, que corta a área do município no sentido Sul-Norte. A colonização do município começa efetivamente quando inúmeras famílias vindas da região Sul do país começaram a ocupar os espaços geográficos do novo distrito. O processo de formação espacial aliou-se, com um passado economicamente rico, mas bastante marcado pela desigualdade social, onde os latifúndios predominavam na maior parte da região.

O projeto de desenvolvimento do município de Juina, nasceu da necessidade de ocupar terras públicas férteis situadas as margens da rodovia AR-1³, que com o advento do programa POLOAMAZONIA criado pelo decreto nº 74.607, datado de 25/09/1974 que tinha como propósito promover a ocupação dos espaços vazios na selva Amazônica (JOANONI, 2007). Segundo Campos o programa previa implantações de cidade em suas áreas de influencia, onde passaria as estradas. Em, 23/01/1976, ocorreu uma reunião no Distrito de Fontanillas, as margens do rio Juruena, onde participaram superintendentes da SUDECO (Superintendência do Desenvolvimento do Centro Oeste) e da CODEMAT (Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso). Ele coloca, ainda que neste encontro, foi formalizado o projeto, que previa a conservação das matas ciliares, criação de bosques e de horto florestal. Contudo, a cidade ficou dividida em 5 módulos, sendo que cada módulo com 35 hectares de área incluindo ruas e urbanístico.

³ AR-1. Rodovia que liga a cidade de Vilhena/RO a Aripuanã/MT, a palavra abreviada pela justiça ainda não está registrada.

A figura 01 nos mostra a área de Juína dividida em módulos



Figura 1 - Juína, vista aérea cortada o bairro módulo I

Fonte: escola estadual marechal Rondon, 1983

A colonização de Juína deu-se a partir de 1978, pelas de ações adotadas por Hilton de Campos, antigo funcionário da CODEMAT, este passou a ser considerado o fundador da cidade de Juína. O projeto que resultou no núcleo Juína foi considerado o maior êxito de colonização da CODEMAT, em virtude do crescimento acelerado, na data de 10 de junho de 1979, sendo assim foi criado o distrito de Juína. A região que foi inicialmente habitada pelos cintalarga, *rikbatsas* e *ena-wenê-nawê*. Ainda possui duas enormes áreas indígenas e uma estação ecológica denominada Iquê-Juruena. (MTESEUSMUNICIPIOS, 2013).

O engenheiro Gabriel Müller, entusiasmado em projetar Juína, foi um dos mentores intelectuais do processo, através da lei aprovada pelo Congresso Nacional por influência e indicação do senador Filinto Müller, na época, dando poderes ao Estado de Mato Grosso para a licitação da imensa área destinada ao futuro município de Juína. Logo em seguida, dois milhões de hectares foram vendidos, principalmente para ruralistas do sul do país. (MTESEUSMUNICIPIOS.COM.BR, 2013).

1.1 A RAINHA E OS SEUS SÚDITOS: ESPACIALIZAÇÃO E ESPECIALIDADE DOS BAIRROS JUINENSES

O espaço geográfico traz dois conceitos indissociáveis a ele. A espacialização e a espacialidade. Segundo Santos (1996, p.73) descreve como “um momento da inserção territorial dos processos sociais [...]” ela é o modo de se organizar uma sociedade. No entanto, cada espacialização se forma dentro uma espacialidade que, por sua vez, é “uma aparência do resultado da luta dos homens pela sobrevivência num determinado lugar e num determinado tempo”, ou seja, é um momento construído pelas diversas relações sociais “geografizadas”, (SANTOS, 1996, p.74) com a inserção de uma sociedade em um espaço específico para se habitar e viver. Contudo, ambos conceitos descritos sobre os aspectos da espacialidade e da espacialização estão inseridos dentro de um território.

Raffestin (1993), em sua abordagem sobre território, estabelece que para delimitá-lo, há a necessidade de estar no espaço geográfico, logo, o território se forma a partir do espaço, “é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (autor que realiza um programa) em qualquer nível e ao se aproximar de um espaço, concreto ou abstratamente “territorializa” o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

O autor argumenta que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica. Portanto pode-se dizer que o território pelas definições, é intermediado por relações de poder, que passam pelo campo político, econômico e simbólico onde o homem estabelece sua autonomia, impondo suas marcas de ocupações.

O território está em constantes transformações ocasionadas pela dialética social desenvolvida no tempo e espaço em função das necessidades de mudanças no contexto espacial por causa do dinamismo histórico, social e econômico ocorrido no espaço.

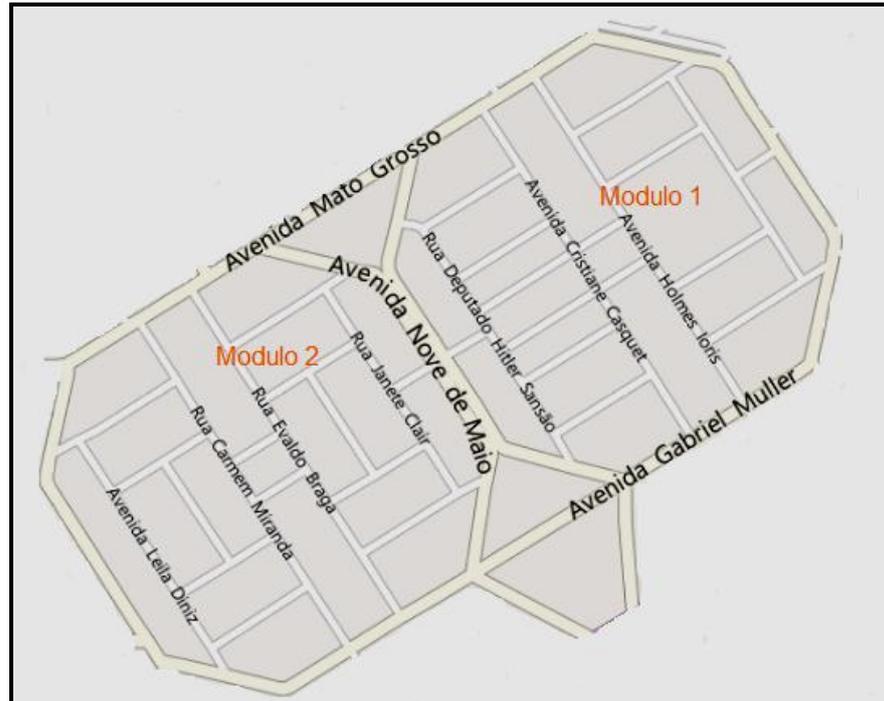


Figura 2 - Espacialização Módulos I e II
Fonte: FIGUEIREDO,R, 2013

Pode-se ver figura 2, a divisão em módulos da cidade. Essa divisão determinou que os lotes urbanos teriam a medida de 12x40 metros, como o Módulo I e os módulos mais afastados teriam a medida 15x40 metros, como os Módulos II, III e IV. Cada Módulo tinha 35 hectares de área, incluindo ruas e projetos urbanísticos

A partir do Módulo V, figura 03, ficou complicado obedecer ao projeto original, já que todos os módulos juntos formavam o desenho de uma colmeia, e a existência de inúmeros riachos impediram a continuidade de bairros com a denominação de Módulos como previa o projeto. (DUARTE,1993).

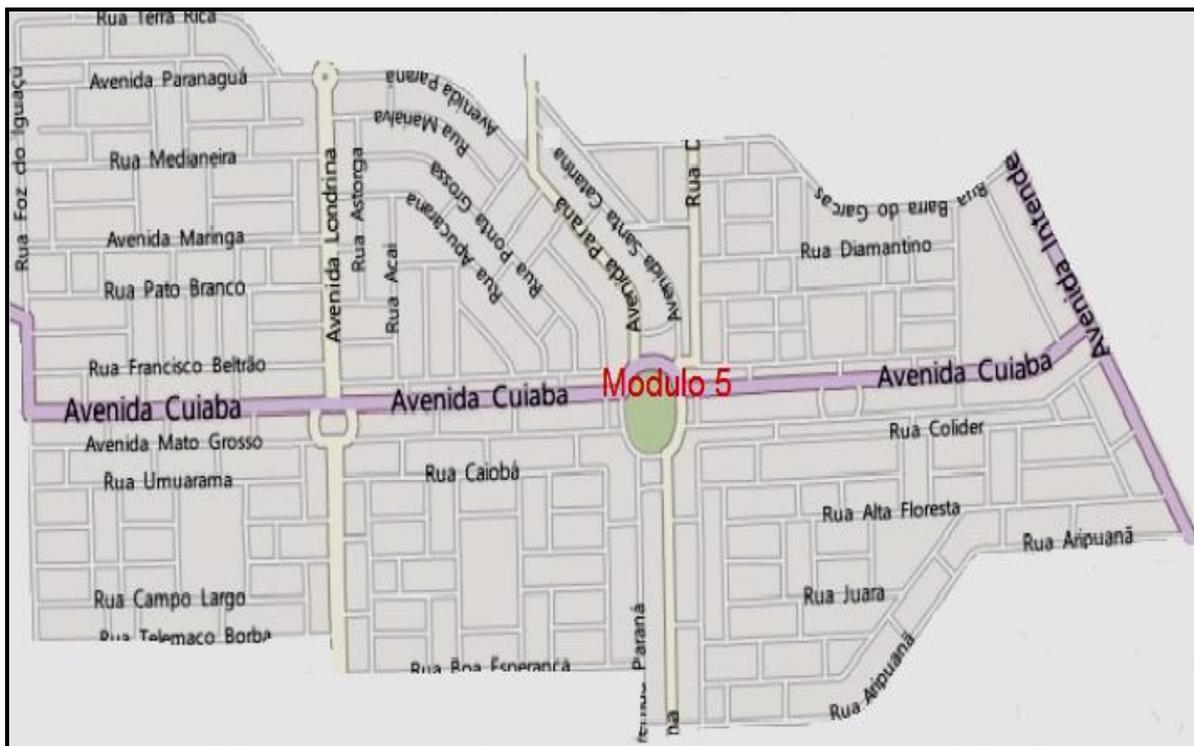


Figura 3 - Espacialização Módulo V

Fonte: FIGUEIREDO, R.,2013

A empresa colonizadora de Juína implantou um sistema especialmente planejado para a construção da cidade, Mas com a extensão dos Módulos, descobriu-se que não poderiam seguir o traçado original, devido aos rios que cortam a cidade. Um deles, o Riozinho da Garça que separa os Módulos II, III e IV do Módulo V. Hoje, o que sobrou dessa paisagem foi apenas uma lagoa chamada Lagoa da Garça (DUARTE,1993).

Hilton Campos, continuou em sua entrevista, dizendo que o bairro Módulo VI foi uma extensão da cidade. Criado na época, por causa do aumento populacional urbano. As famílias trocaram suas terras no entorno da cidade por um lote no Módulo VI, isso impulsionou um grande êxodo rural, inchando a cidade. Com a extinção dos lotes no bairro Módulo V, houve a grande procura de terrenos ainda na época não demarcados pela prefeitura onde acabaram sendo invadidos no Módulo VI. O Bairro Módulo VI tinha como objetivo, da grande maioria dos invasores, apenas fins lucrativos, ou seja, invadiam os lotes e posteriormente vendiam a preços irrisórios. “Uma máquina de dinheiro”, frisou o engenheiro.

Hoje, o bairro Módulo VI possui em sua maior parte os terrenos demarcados e devidamente regularizados mas ainda existe uma carência dessas documentações

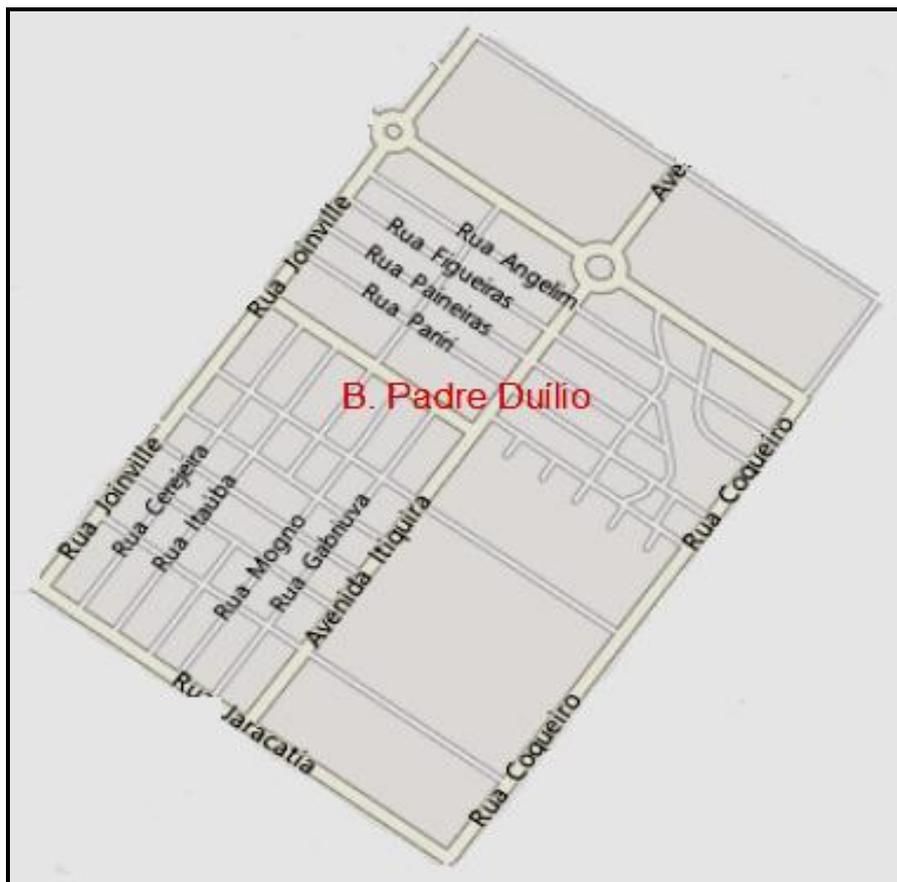


Figura 5 - Espacialização Padre Duílio
 Fonte: FIGUEIREDO, R.,2013

O Bairro Palmiteira, conforme figura 06, na época do governo Carlos Bezerra em 1986, havia um coordenador da Codemat chamado Francisco e, juntamente com entrevistado abriram uma indústria de palmito no ano de 1986. Foi a primeira indústria na cidade de Juina. Francisco invadiu, com a autorização do governador, àquelas terras, transformando-se posteriormente, no bairro Palmiteira. Recebeu esse nome por causa da indústria local.

Atualmente, os lotes do bairro não possuem documentação, pois quando os terrenos são invadidos, não há uma metragem padrão dos lotes dificultando a regulamentação pelos órgãos competentes.

Campos diz que quando os bairros são planejados, não há dificuldades em fazer suas documentações, haja visto que as famílias só são assentadas depois que os lotes são medidos, demarcados e cadastrados em nome dos atuais moradores, isso que significa uma cidade em desenvolvimento.



Figura 6 - Espacialização Palmiteira
 Fonte: FIGUEIREDO, R., 2013

Já a Vila São José Operário teve sua origem por outra invasão, em 1984, direcionada pelo Padre Duílio. A área, em questão, até a cidade de Castanheira, município vizinho, era do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), mas que na realidade pertencia à CODEMAT, responsável, também, pelas terras da Aripuanã. A cidade de Aripuanã era responsável pelos municípios de Alta Floresta, Cotriguaçu, Colniza, Juruena e Juina, todas elas foram desmembradas do território de Aripuanã.

A CODEMAT tentou conter a invasão do bairro São José Operário retirando os invasores por três vezes até que venceram pelo cansaço as autoridades locais da época e se apossaram do território. Durante esse processo foram providenciadas lonas

para acomodação das pessoas e, em seguida, a demarcação dos lotes. Assim, nasceu o Bairro Vila São José Operário. Veja figura 07.



Figura 7 - Espacialização Vila São José Operária
Fonte: FIGUEIREDO, R.,2013

Campos, coloca que o Bairro Industrial já tinha sido planejado para a instalação de indústrias, as quais trariam desenvolvimento econômico à região. Esse bairro nasce concomitante às derrubadas da floresta amazônica, entre os anos 1977 e 1978, para a criação dos primeiros bairros, Módulo I e Centro.

O bairro Setor Industrial era para ser o chamariz das pessoas que aqui viriam a se instalarem, pois além dos lotes serem grandes, existiam uma grande oferta das terras a preços baixos, era um incentivo aos migrantes para instalarem suas empresas, uma vez que, ele era destinado somente a setor do comércio de grande porte. Todavia como a demanda começou a ser grande pela procura dos lotes em Juina, foi necessário demarcar lotes com tamanhos diferentes, direcionados para a construção de moradias para os migrantes que chegavam. Pois, os bairros centrais - Módulo I e II, os primeiros a serem criados, já não dispunham mais de lotes para serem vendidos.

A figura 08 nos mostra os limites do Setor Industrial



Figura 8 - Espacialização Setor Industrial
Fonte: FIGUEIREDO, R.,2013

Como pode-se observar, a maioria dos bairros formou-se por invasões descontroladas de uma população oriunda de um fluxo migratório intenso de outras cidades, regiões e estados brasileiros. Campos relatou ainda que não havia como inibir ou conter essas invasões, uma vez que enquanto se estava em fase de projeto os primeiros bairros juinenses para o assentamento das famílias, do outro lado, outros migrantes que também queriam terras e não tinham como comprá-las começaram a invadir na tentativa de garantir a sua posse.

Naquela época, o engenheiro diz que já se falava em crimes na cidade não eram constantes mais aconteciam os, furtos, as brigas, homicídios, roubos, tudo por um único motivo, o de disputar um pedaço de terra em uma espaço geográfico que vivia sua transformação. Os crimes de furtos eram cometidos por indivíduos que queriam construir suas casas e não tinham poder aquisitivo suficiente, então começavam a subtrair os objetos.

CAPÍTULO II - FURTO OU FRUTO DE UMA SOCIEDADE COMPLEXA?

Para falarmos de sociedades complexas, traremos a antropologia que no final do século XIX foi reconhecida como uma disciplina acadêmica. A antropologia passou a estudar as sociedades chamadas primitivas, tribais ou simples ou seja as sociedades dos distantes em comparação às sociedades complexas ou seja providas de progresso científico, as sociedades europeias da época. Sendo difícil contextualizar os estudos da sociedade com os outros ramos da ciência como, a política e a própria história.

Por muito tempo essa ciência tinha como objeto as sociedades primitivas. Somente nos anos 1960 ocorreu a inclusão das sociedades próximas (complexas) como, também, objeto de estudo da antropologia. Começou, assim, as primeiras discussões sobre antropologia do próximo, procurando conhecer os processos sócio-culturais que se travavam no seio das sociedades complexas. Evans Pritchard⁴, inicia-se o estudo a partir dos 50, época de crise dos antropólogos, pela ciência estar esgotando o seu objeto de estudo, as sociedades primitivas. (PEIRANO, M. 1983).

Pode-se dizer que as sociedades complexas traziam em seu contexto sócioestrutural a diversidade ética, a divisão de trabalho em proporções gigantescas, num vasto mosaico sociocultural enquanto, que as primitivas eram sociedades basicamente constituída por um poder hierárquico, com funções sociais previamente definidas e fáceis de serem entendidas pela sua organização sócioespacial.

Mauss (1988) traz que nas comunidades e sociedades primitivas, a cooperação se processava pela prática social existente, além de se afastarem ou aproximarem daquilo que chamamos de evolução social, é um sistema de troca ou de dádiva nestas sociedades, o ato de dar, receber e retribuir. Nesta troca, o ato de agradar e ser agradado levam os indivíduos a se unificarem, é o ato da cooperação, se o indivíduo deixa de dar ou receber uma dádiva na sociedade ele perde o mana que simboliza uma força mágica de cada ser, a riqueza, a honra, a liderança e a autoridade que cada indivíduo tem perante aquela sociedade.

⁴ Evans Pritchard: Antropólogo Inglês que teve participação fundamental no desenvolvimento da Antropologia Social na universidade de Oxford entre os anos de 1946 e 1970.

(Mauss, 1988, p.63) conclui que “nas sociedades primitivas, a cooperação, mesmo que obrigatória dá-se através de um valor simbólico de uma ação social, legitimada pela troca ou pela dádiva”.

Mesmo nesse sistema de troca um alto valor simbólico existia delimitado, pois segundo Malinowski (2003, p.17 *apud* Machado, 2008, p.01) coloca que “ameaça de coerção e o medo da punição não afetam o homem comum, seja ele selvagem ou civilizado”, contudo Machado (2008, p.01) complementa dizendo que “sociedade alguma poderia funcionar sem que houvesse uma maneira espontânea ou natural de obediência é regra, sem que seja excluída a necessidade de certeza de punição dos crimes”.

Nas sociedades complexas, o crime de furto é previsto em lei, com penas e atenuantes variando de sociedade para sociedade. No Brasil, esse ato revisto nos artigos 155 do Código Penal Brasileiro, no qual consiste na subtração de coisa alheia móvel para si ou para outrem com a finalidade de obtenção definitiva do objeto. No furto não há emprego da violência física ou ameaça grave ao indivíduo, o que diferencia do crime de roubo que é praticado mediante tal violência física ou ameaça ao indivíduo. No espectro da violência, encontra-se também, a simbólica, que para Bourdieu (1970) é um processo pelo qual a violência expressa-se na imposição legítima e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, ou seja, o dominado não se opõe ao seu opressor, não se percebe como sendo uma vítima, ele se considera o fato sendo um fato natural e inevitável que faz parte do presente cotidiano para as pessoas.

A violência simbólica está espacializada no município de Juína, na medida que as pessoas acham normal ser furtadas em determinada parte da cidade, em função da distribuição da população de acordo com o poder aquisitivo.

No crime de furto, existem dois sujeitos, o ativo que seria qualquer pessoa que comete tal crime e o sujeito passivo que seria qualquer pessoa que seria vitimizada da ação. O objetivo da ação é sempre subtrair ou retirar o objeto do legítimo possuidor contra sua vontade (GRECO, 2013).

De acordo com Ioris (2009), Juína sempre foi uma cidade tranquila de se viver, antes na época de sua colonização, 1979, as pessoas que aqui viviam dormiam com as janelas abertas e portas destrancadas, não havia a preocupação

com a segurança como nos dias de hoje, entretanto, quando Juína transformou-se em cidade polo do Noroeste Matogrossense, também chegaram os problemas dos centros urbanos e com eles todos os tipos de violências.

Mas o tempo foi passando e o progresso aliado ao desenvolvimento contribuiu para aumentar ainda mais, os males da caixa de Pandora. Estes dois fatores impulsionaram outros atos de violência, aumentando a criminalidade no município, não deixando os casos isolados. Ioris (2009) coloca que as forças policiais, militar e civil, estão na cidade de Juína para manter a ordem e a segurança da sociedade prendendo os criminosos que infriam as leis.

A unidade policial só foi implantada depois do ano de 1979 e mais tarde com sua emancipação, passou a depender de outras comarcas, fazendo com que tempos depois criasse sua própria comarca com a instalação do fórum local. Ioris (2009) coloque que, naquele tempo, aconteciam fatos pitorescos que não demandavam da intervenção policial. Situações cotidianas tais como desavenças verbais ou brincadeiras de mau gosto, que poderiam ser resolvidas entre as partes, mas que muitas vezes tomavam imagináveis, visto que, Juína é um encontro de várias culturas regionais brasileiras. O que era certo para um poderia ser errado para outro.

Para Tuan (2001) é natural que as pessoas de uma cidade em desenvolvimento sejam tomadas pelo medo. Pois, é rotina vermos nos noticiários dos centros urbanos destaques à violência: furtos, roubos, assaltos, homicídios e outros crimes que chocam a sociedade que visa um futuro melhor, ou uma qualidade de vida para os seus cidadãos no presente e para o futuro. Contudo, mesmo os adultos não sentem tanto medo das violências físicas, outras ameaças os perturbam, pois, se preocupam com seus filhos e admitem que sensações de que as coisas estão tomando rumos piores. Esses centros urbanos estão em constantes metamorfoses.

2.1 A CIDADE: AS METAMORFOSES E A VIOLÊNCIA

Quando falamos em cidades e suas modificações e complexidades diante de um aumento populacional, não podemos esquecer que tudo tem suas origens. As

idades por exemplo, segundo registros arqueológicos, as primeiras ruínas arqueológicas encontradas foram no período neolítico, por volta de 4000 e 3000 a.C. A constituição das cidades tinham como objetivo ser o centro do comércio e cidades estratégicas de guerra. Segundo Fani (1994), as cidades enquanto construção humana, é um produto social, trabalhado e materializado. Esta, apresenta-se em diversas formas de ocupações, e este modo de ocupação de determinado lugar da cidade, se dá a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja elas para produzir, consumir, habitar ou viver. Todo este contexto giram em transformação do espaço.

Para Pereira (2001), a partir de uma perspectiva sociológica, pergunta-se por que a palavra cidade teria atravessado séculos sem alterações, muito embora se refira a um objeto em constante mudança. Elias (1994) diz que se reside no fato de que, muitas vezes, por não conseguirmos expressar o movimento e as mudanças constantes, mantemos a palavra e acrescentamos uma outra para precisar o que estamos tratando. Isso por não conseguirmos expressar as transformações constantes de algo tão mutável, temos mantido a palavra cidade e acrescentado a ela adjetivos.

É isso que permite compreender a presença de tantas adjetivações para falar de suas características, funções, partes e transformações: cidade satélite, cidade horizontal, cidade verticalizada, cidade mundial, cidade moderna, cidade administrativa, cidade interiorana, cidade informal e tantos mais adjetivos que possamos agregar (PEREIRA, 2001).

Segundo Martins (2007) um dos desafios impostos ao ser humano, neste início do século XXI, em âmbito global, é o entendimento e a compreensão da cidade na contemporaneidade. Ocorre que, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, houve um desencadeamento de multiplicidade de processos de natureza natural, cultural, política, econômica e social que possibilitou um crescimento demográfico devido ao processo migratório ocorrendo. Então, um crescimento urbano responsável pelo surto dos desenvolvimentos em massa eclodindo o mercado capitalista, tudo isso associado a ideia da contemporaneidade.

Entende-se por paisagem urbana a espacialização dos prédios, das casas, das ruas, dos edifícios, dos veículos e outros elementos se organizam dentro de um

perímetro urbano. A paisagem urbana é um conceito que exprime a arte de tornar coerente e organizado, visualmente todos estes elementos que constituem este espaço urbano. Vale a pena ressaltar que a vegetação também constitui este espaço urbano, já que a sua presença se torna cada vez mais essencial para a qualidade de vida daqueles que moram nas cidades (CULLEN, 1983).

As cidades que reúnem, se aproximam, congregam, separam as pessoas, que a torna realidade, do hediondo espetáculo da violência e insegurança que se banalizam e do lazer que se multiplicam, tendem a agregar intimamente as pessoas que no entanto não se veem, não se falam e nem se ouvem (MARTINS, 2007).

Nos centros urbanos, a violência tornou-se tão corriqueira que já não conseguimos mais tomar distância dela, vê-la como um ato de reflexão. Ela deixou de ser um fato social isolado, para se tornar parte integrante da paisagem urbana, propagada, principalmente, nesse momento histórico pela onda de criminalidade que assola as sociedades complexas (JUNIOR, 2006).

Em âmbito jurídico, no Brasil, não existe um conceito legal e formal sobre criminalidade, ficando a cargo da doutrina. Na verdade a palavra criminalidade foi um conceito que veio evoluindo ao longo dos anos, sendo que várias teorias já surgiram com a finalidade de explicá-la (GRECO, 2013).

O crime pode ser definido como uma atitude que ofende certos sentimentos e interesses privados e coletivos, pode ser considerado também como um fenômeno normal, no entanto com algumas preocupações. O que é normal é que exista a criminalidade, contanto que atinja e não ultrapasse certos níveis da sociedade em geral. De acordo com Durkheim (2001), o fato do crime ser normal significa que ele preencha algumas lacunas na sociedade, tem uma certa função, ou seja, ele ajuda a sociedade a ser mais solidária umas com as outras, e isto é muito importante no desenvolvimento dos indivíduos. Já do ponto de vista negativo, o crime faz com que o indivíduo se imponha uns sobre os outros com tendências egocêntricas.

A criminalidade em geral é fruto da desigualdade, da injusta distribuição de bens, da dificuldade de acesso à riqueza socialmente produzida, enfim, da exclusão econômica e social. Esta tese vem sendo mostrada cada vez menos capaz de dar conta de explicar o fenômeno, não porque seja incorreta, mais porque é insuficiente e só parcialmente verdadeira (JUNIOR, 2006).

CAPITULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Andrade (2003) coloca que a metodologia é o estudo dos caminhos e instrumentos usados para se fazer uma pesquisa científica, os quais respondem de que forma faze-la. A metodologia é uma das mais importantes etapas da pesquisa, pois ela te dará todo o suporte teórico e prático necessário que devem ser seguidos de forma criteriosa para se chegar aos objetivos propostos. Na metodologia são contempladas fases exploratórias, critérios de amostragem, e a definição de instrumentos e procedimentos para as análises de dados e informações destacando os métodos a serem utilizados.

Andrade (2003) trás que a pesquisa qualitativa tem seu caráter exploratório, no intuito de estimular as pessoas entrevistadas a pensarem livremente sobre o assunto que está sendo pesquisado de maneira espontânea. É uma pesquisa indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados ao invés de coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos concebidos.

Já na pesquisa quantitativa, Andrade (2003) trás que esta pesquisa basea-se em apurar opiniões e atitudes dos entrevistados, pois se utiliza de questionário determinando um universo de modo que seus dados possam ser generalizados e projetados para aquele universo. Seu objetivo é permitir o teste das hipóteses já que os resultados serão concretos e menos passíveis de erros. Muitos dos casos criam-se índices que podem ser comparados ao longo dos tempos, permitindo traçar informações ao longo dos tempos.

Em primeira instância para dar suporte teórico à essa pesquisa, foi elaborado um levantamento bibliográfico com os aportes dos pensadores em sociologia, antropologia e geografia, que foi a linha condutora para esse trabalho. Foi, realizado, também, um rastreamento em sites e artigos específicos na *internet*. Para averiguação da historicidade dos bairros de Juína, foi realizada uma entrevista com um dos engenheiros projetistas, do então Projeto Juína, o Sr. Hilton Campos, residente e ex-prefeito do município..

O trabalho também é composto por imagens dos bairros do município, imagens da época da abertura de Juína, fotos recentes dos bairros. As imagens dos

bairros foram produzidas a partir de recortes de um mapa maior do município. Para a análise dos resultados, foram construídos gráficos e tabelas.

Os entrevistados foram escolhidos através de um levantamento documental buscado na Polícia Judiciária Civil entre os meses de Janeiro e Outubro. Essas ocorrências foram registradas pela Polícia Civil e pela Polícia Militar do município e buscadas de forma aleatória sem a tendência no ato da escolha.

3.1 TRABALHO DE CAMPO

A entrevista, com o engenheiro Hilton Campos foi de maneira espontânea, partindo para uma história oral, sem nenhum direcionamento possível. Ela foi concedida em sua residência na hora marcada pelo mesmo.

O trabalho de campo foi realizado a partir de visitas *in loco*, com aplicação do questionário para as vítimas do crime de furto no bairro Módulo V. Durante as visitas, foram aplicadas dez questões fechadas, qualitativas e elaboradas, que posteriormente foram analisadas e incorporadas ao longo do trabalho.

Na coleta de dados, foram pesquisados junto ao órgão Polícia Judiciária Civil, a quantidade de ocorrências registradas ao longo do período de Janeiro a outubro sobre o crime de furto no bairro Módulo V e comparado aos demais bairros de Juína.

Foi entrevistado também o Delegado de Polícia titular da Delegacia de Polícia situada no Módulo V, o Dr. Rodrigo Costa Rufato que nos relatou nas dependências do próprio órgão sobre os índices de crime de furto de Juína e em especial o bairro Módulo V.

A entrevista com o delegado de polícia que teve apenas um encontro, e o teor das perguntas foram de forma direcionada ao crime de furto a residência no Módulo V.

CAPÍTULO IV - “A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE” DOS BAIRROS JUINENSES

Juína é um município de 30 anos com de 39. 255 habitantes, conforme IBGE (2010) e composta de 10 bairros divididos entre Módulos I, II, III, IV, V, VI, Setor Industrial, São José Operária, Padre Duílio e Palmiteira. Por ser cidade polo, tem uma população pendular considerável. Com uma única escola particular presencial de ensino superior que atende a região Noroeste do Mato Grosso ela vem agradando pessoas de várias cidades. Fato esse que vem metamorfoseando o seu espaço urbano e adjacências, principalmente, no que diz respeito a moradia.

Essa profusão de novas moradias com mais ou menos segurança, pode ser um dos fatores que nos levam ao aumento do crime de furto no período da pesquisa.

Aliado ao mundo moderno e globalizado, o individuo tende a desejar cada vez mais de objetos que nunca teve, a ânsia de satisfazer a vontade em uma experiência voltada ao consumo desenfreado das oportunidades expostas a sociedade. Por outro lado, enquanto uma pequena parcela se vislumbra dos prazeres fornecidos pelo capitalismo, outra parte menos favorecida e acaba sendo despertada pelos anseios de ter tais objetos o que acaba acarretando um conflito social. Inicia-se então uma disputa de classes econômicas onde o principal desejo é o de ter o objeto real, seja de qual maneira for.

A tabela 1 nos mostra a espacialização desse tipo de delito à residências do município acontecidos entre os meses de Janeiro a Outubro do corrente ano a partir de dados levantados pela Policia Judiciária Civil do município.

Tabela 1 - Comparativo dos crimes de furto nos bairros de Juina

BAIRRO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS REGISTRADAS
MÓDULO 01	09
MÓDULO 02	12
MÓDULO 03	10
MÓDULO 04	25
MÓDULO 05	113
MÓDULO 06	18
PADRE DUÍLIO	09
PALMITEIRA	07
SÃO JOSÉ OPERÁRIO	06
SETOR INDUSTRIAL	07

Fonte: Polícia Judiciária Civil, 2013

A tabela 01 mostra que os bairros centrais e os mais periféricos apresentam poucas ocorrências com relação ao Módulo V. Esse módulo vem em franco crescimento, com várias lojas, novas residências e agência bancária.

Pode-se analisar a partir da entrevista de Hilton Campos que a situação econômica de cada bairro. Na figura 09, podemos ver uma vista do módulo I e na figura 10 uma do módulo II, observa-se que são ruas pavimentadas com residências espaçosas e muradas, essa configuração espacial se dá nesses bairros em função dos mesmo terem sido os primeiros bairros a ser projetados em Juina. Esses bairros são de classe média e alta, em sua maioria moram os empresários de Juina, os pioneiros da ocupação e os primeiros moradores do município que trouxeram o desenvolvimento.



Figura 9 - Vista parcial do Módulo I
Fonte: AMORIELO, G., 2013



Figura 10 - Vista parcial do Módulo II
Fonte: AMORIELO, G., 2013

Vimos na tabela 01 que os índices de crimes de furto nestes bairro são relativamente baixos. Segundo o delegado de Polícia Dr. Rodrigo Rufato nesses bairros as pessoas por possuírem muitos bens, face ao alto padrão de vida, que chamam à atenção para esse tipo delito de furto, tendem a deixar suas residências mais seguras com alarmes, vigilância privada, cercas elétricas, muros altos entre outros mecanismos de segurança. Isso lhe dão uma sensação maior de segurança quando deixam suas casas afins de trabalho ou lazer.

A figura 11, nos mostra o módulo IV. Nele temos ruas asfaltadas. Casas grandes e muradas também. É um bairro onde podemos encontrar diversas classes

econômicas dividindo esse espaço. Foi a área que expandiu um pouco mais do centro da cidade onde ficavam os principais comércios na época. É um bairro de classe média e média baixa, mas seus os moradores, também, destinam alguns recursos para a segurança de suas residências.



Figura 11 - Vista parcial do Módulo IV
Fonte: AMORIELO, G., 2013)

Podemos verificar pelo índice da tabela 01 que neste bairro as ocorrências de furto são um pouco maiores que os módulos I e II. Rufato nos diz que nem sempre as ocorrências de furto estão ligadas ao poder aquisitivo ou pela estética da residência mas sim, pela vulnerabilidade que os criminosos acham em entrar nas casas ou até mesmo pelos descuidos das próprias vítimas em sair e deixar janelas somentes encostadas, portas sem trancas etc. O Módulo IV, por exemplo, é o segundo bairro em incidência de crimes de furto. Uma vez que muitas das vítimas que tiveram suas residências furtadas tinham objetos de interesse dos criminosos e e suas casas eram desprovidas de sistemas de segurança para inibir a ação do infrator.



Figura 12 - Vista parcial do Módulo V
Fonte: AMORIELO, G. 2013

Com a necessidade de expansão dos bairros, foi criado o bairro Módulo V. A figura 12 nos mostra ruas asfaltadas, com tudo as casas não são tão grandes, como no anteriores. Esse módulo começou com invasores e a partir daí não havia como ligar o Módulo V com os demais bairros, uma vez que, entre eles existia a Lagoa da Garça, impedia a sequência estrutural dos bairros. O Módulo V é o maior bairro de Juína e há uma diversidade econômica e social dentro dele.

Por apresentar essa diversidade econômica e ser o maior bairro do município, é o que apresenta o maior índice de crime de furto a residência. A tabela 01 aponta 113 ocorrências registradas do crime de furto, nesse bairro. Como o bairro é muito extenso tem muitas áreas desabitadas, as quais facilitam à ação dos criminosos. O delegado de polícia relata que em diversas situações as residências furtadas estão mais afastadas do centro do bairro, os setores D, E e F. Vide figura 13. Isso não permite dizer que esse tipo de delito ocorre com menor frequência nos outros setores. Um outro fator relatado foi que a maioria dos criminosos que atuam no bairro Módulo V são praticamente residente do próprio bairro, porém esses agem em setores diferentes dos quais residem.

Por exemplo, se a pessoa autora do delito reside no setor E, ele irá cometer seu crime em outros setores do bairro, pois naquele setor onde mora, poderá ser reconhecido por vizinhos ou conhecidos.

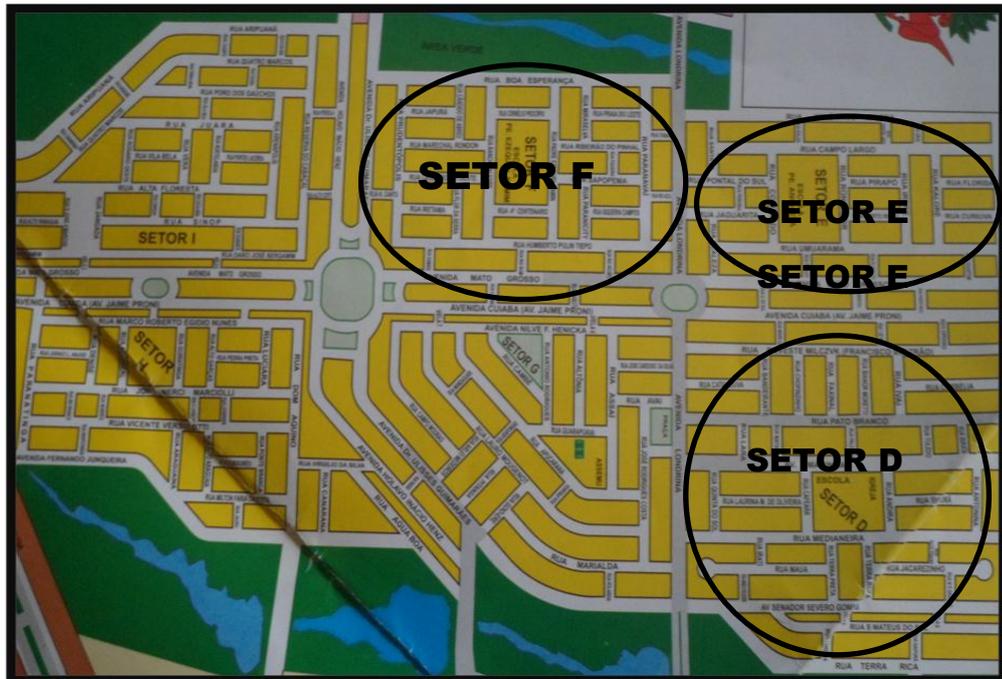


Figura 13 - Mapa da divisão do Bairro Módulo V
Fonte: AMORIELO, G.,2013

Na figura 14 mostra o bairro Módulo VI que foi uma extensão do Módulo VI que conforme dito por Hilton Campos, esse bairro começou com parte dos terrenos vendidos pela prefeitura junto com o INTERMAT (Instituto de Terras do Mato Grosso) e outra parte invadida por chacareiros oriundos de áreas vizinhas motivado pelo êxodo rural. Nesse bairro existem muitas ruas sem asfalto, ainda, com muita vegetação, casas pequenas e sem acabamento.

Como pode-se observar na figura 16. Pela distância e pelas características físicas do bairro tem o predomínio da classe média e baixa. A concentração de crimes de furto neste bairro, não é relevante quando comparado ao tamanho do bairro e a quantidade dos meses estudados. Como trata-se de um bairro em expansão, diversas residências estão em construção, o qual as deixam vulneráveis e fáceis para ação da marginalidade.



Figura 14 - Vista parcial do Módulo VI

Fonte: AMORIELO, G.,2013

O delegado de polícia relatou que neste módulo, os crimes de furtos a residência estão concentrado nos objetos de construção, na maioria das ocorrências, como estes materiais são comuns e de fácil utilização, acabam sendo de difícil identificação e recuperação



Figura 15 - Bairro Setor Industrial

Fonte: AMORIELO, G. 2013.

A figura 15 mostra o Setor Industrial, o qual começou junto com a formação dos bairros Módulo I e II. Originariamente para a instalação de indústrias para alavancar o desenvolvimento de Juína. Antes, não havia muitas residências, hoje com a redução das serrarias, o bairro se tornou mais residencial. Sob o prisma

econômico, seus terrenos passaram a ser muito valorizados, pois além de ser grande, o bairro se localiza próximo à saída da cidade pela rodovia AR1.

Os furtos acontecidos neste bairro, são menos preocupantes que os demais. Uma vez que estes furtos são em empresas e os objetos em sua maioria são ferramentas utilizadas no dia a dia das oficinas mecânicas, pontuou o delegado. Ressalta-se, aqui, que a polícia tem o mesmo rigor nas investigações, pois esses objetos furtados gera um renda ilícita, mas que é a partir delas que é dado o sustendo às famílias, muitas vezes.

Na figura 16 temos o Bairro Palmeira. Os índices de furto, nesta área, são de sete ocorrências, conforme tabela 1. Como a Palmeira é um dos bairros mais carentes do município, uma das hipóteses para baixo índice desse tipo de ocorrência. A maioria das residências não tem segurança nenhuma, muitas delas não tem muros ou grades. Muitas delas são separadas por cercas de madeiras frágeis. Rufato argumenta que nem todas as residências são de pessoas pobres, existe uma minoria com poder aquisitivo que residem em grandes lotes.



Figura 16 - Vista Parcial da Palmeira
Fonte: AMORIELO, G. (2013)

Os bairros Padre Duílio e São José Operária são bairros que segundo o delegado são semelhantes quanto as ocorrências. O Padre Duílio (figura 17) é um bairro relativamente mais estruturado que a Palmeira apesar de serem fronteríços.

O Padre Duílio em relação ao São José Operário apresenta um índice um pouco maior ocorrências, mas mesmo assim é considerado baixo. Ele faz divisa também com o Setor Industrial e os setores de chácaras que dão acesso à rodovia estadual que liga Juina à Brasnorte.



Figura 17 - Vista Parcial da Padre Duílio

Fonte: AMORIELO, G., 2013

O bairro São José Operário, conforme figura 18, faz divisa com o Módulo IV e também dá acesso à rodovia que liga Juina à Castanheira, ambas ficam nas extremidades do município e fazem a ligação Sul-Norte respectivamente com os demais municípios. O bairro carece de pavimentação e outros cuidados urbanos.

O São José Operário também possui um índice baixo de furto às residências assim, como o Padre Duílio, o que mais preocupa é o tráfico de drogas existente ali. No bairro Padre Duílio esta prática também existe, só que com menor intensidade, assim como nos demais bairros, aponta Rufato. Estes bairros talvez sejam um dos mais difíceis para combater tanto o tráfico de entorpecentes quanto à prática do furto em si, pelo fato de ambos estarem em uma posição geográfica privilegiada no sentido de estarem em rota de entrada e saída da rodovia que corta o município.



Figura 18 - Vista Parcial do São José Operário
Fonte: AMORIELO, G., 2013

Em suma, a maioria das ocorrências de furto à residência, para o delegado, está ligada ao tráfico de drogas no município. Os objetos que são furtados, em sua grande maioria, são *notebooks*, jóias, dinheiros, tvs, aparelhos de som, roupas, tênis, celulares, *tablets*, entre outros. Esses artefatos tem um único e exclusivo destino, a troca por entorpecentes nas chamadas *Bocas de Fumos*. Eles são trocados por valores irrisórios pelos viciados, que após satisfazerem suas necessidades do vício acabam indo para as ruas cometerem mais furtos, tornando-se um ciclo vício que nunca se acaba, diz o delegado.

Nos apontamentos de Hilton Campos e do Dr. Rufato precebe-se que o aumento do crime de furto na cidade de Juína está diretamente ligada às condições sociais da sua população que foi se especializando tal qual os grandes centros urbanos da contemporaneidade. As pessoas com um alto padrão de vida instala-se nos bairros mais centrais e os com menos padrão de vida no bairros periféricos. Fazendo um migração pendular no contexto da criminalidade, os contraventores residentes nos bairros periféricos furtam os dos bairros mais centrais, retornando às suas residências.

Ainda pela abordagem do delegado, a busca pelo hedonismo trabalhado por Campbell não está na posse dos objetos e, sim nos outros prazeres que eles podem trazer, como o consumo de drogas para os viciados e para aqueles que se movem no capitalismo em função desse outro delito.

4.1 ANÁLISE DE GRÁFICOS

Como já detalhado na tabela 1, o Módulo V apresenta o maior índice de crime de furto. Para o estudo do crime de furto a residência, observou-se somente as vítimas escolhidas aleatoriamente mediante ocorrências registradas na Delegacia de Policia e Comando da Policia Militar do município.

De acordo com a tabulação dos dados, temos no gráfico 01 que 70% das vítimas são casadas, com filhos e, conseqüentemente, maior aquisição de bens de consumo. Entretanto, foi exposto que a situação financeira dessa maioria não permitia a contratação de babás para cuidarem dos seus filhos, nas residências. Esses pais e mães levam seus filhos para creches e/ou escolas. Essa condição acarreta a vulnerabilidade das residências, por ficarem sozinha por um longo período do dia.

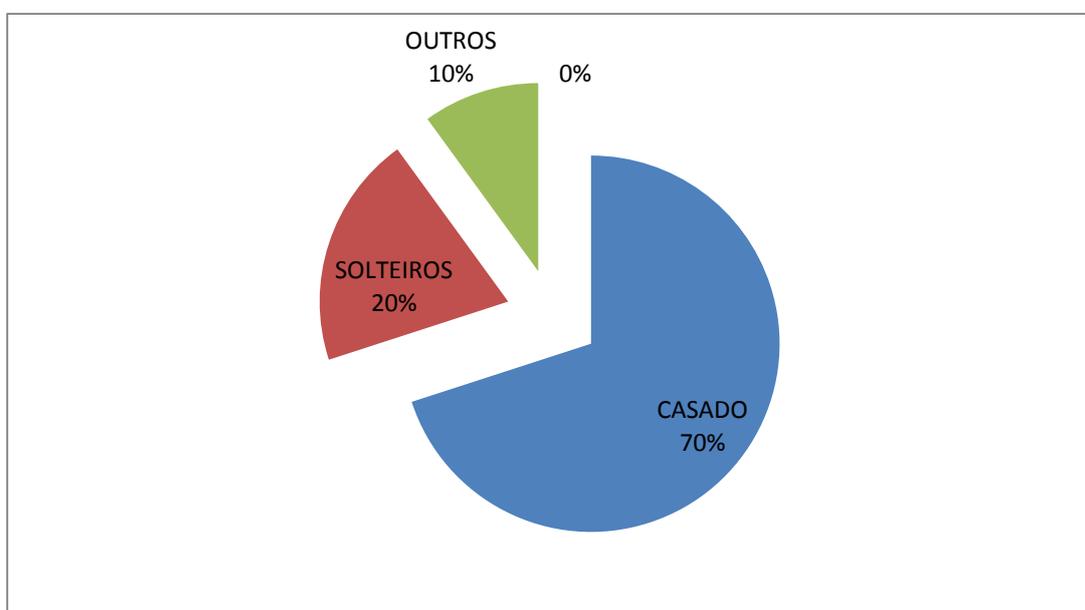


Gráfico 1 - Estado Civil
Fonte: AMORIELO, G.,2013

O gráfico 02 nos apresenta a distribuição etária das vítimas entrevistadas. Nele temos que 60% está na faixa 29 e 39 anos de idade, considerada uma população jovem. Muitas dos entrevistados são natural da cidade e residem, ali desde as primeiras instalações dos bairros. Sendo, assim, afirmar que não conhecem os supostos criminosos que praticam o crime. Apenas, um deles apontou “a minha casa foi furtada pelo meu vizinho, pois ele é dependente químico”. (ENTREVISTADO A). Analisando a resposta da maioria, percebe-se que ela

corroborar com a fala do Dr. Rufato, alegando uma migração pendular dos assaltantes e o delito ser impulsionado pelo consumo de drogas.

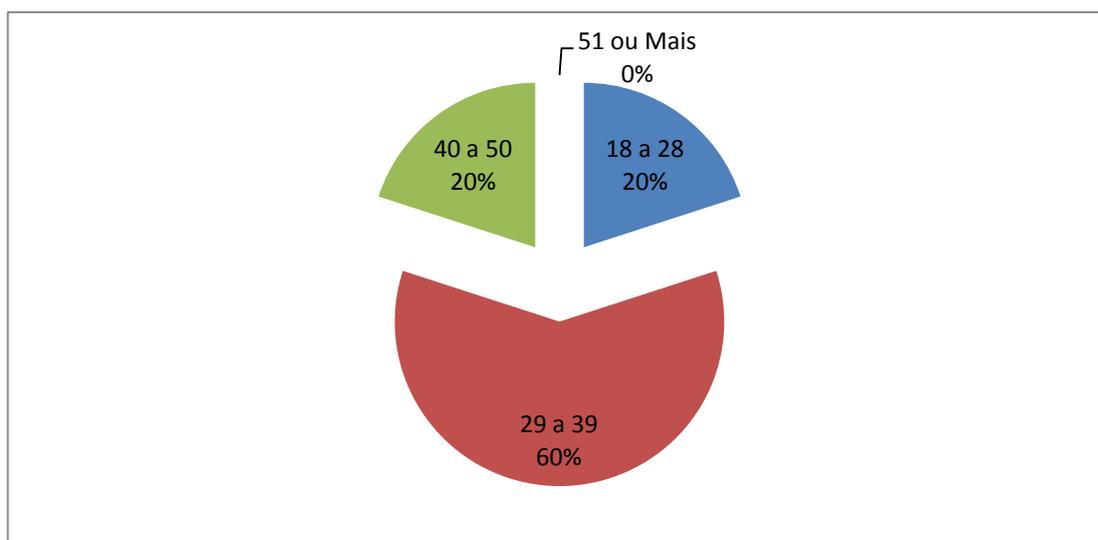


Gráfico 2 - Distribuição por faixa etária

Fonte: AMORIELO, G.,2013

Uma das perguntas foi o grau de escolaridade dos entrevistados. Observou-se que 60% dele tem apenas o ensino médio completo, 30% o ensino superior completo e 10% o ensino superior incompleto. Essa estratificação corrobora com a análise do gráfico 03, no qual temos a distribuição da renda dos entrevistados. Pode-se aliar a renda mensal da família com o nível de escolaridade, pois, 90% das vítimas apresenta uma renda mensal de até três salários mínimos⁵, mostrando o que esse bairro é de classe média. Sendo assim, podemos dizer que os proprietários dos comércios que se especializam no bairro, também, executam um movimento pendular, pois residem de outros bairros.

Essa contradição desenvolvimento do bairro versus renda mensal, faz com que os infratores percebam o módulo V como fonte de riqueza. As casas são simples, porém melhores que às do módulo VI, Palmiteira, Padre Duílio e Setor Industrial, mas inferiores às dos módulos mais centrais, principalmente, no quesito segurança. Essas famílias não possuem verba extra para direcionar aos equipamentos mais modernos e adequados de segurança, usando o bom e velho amigo do homem, o cachorro. Mais nem todas as famílias entrevistadas possuem

⁵ Base atual do salário mínimo: R\$: 678,00 (Seiscentos e setenta e oito reais)

um cão de guarda para fazer a segurança da residência e tentar inibir a ação dos infratores.

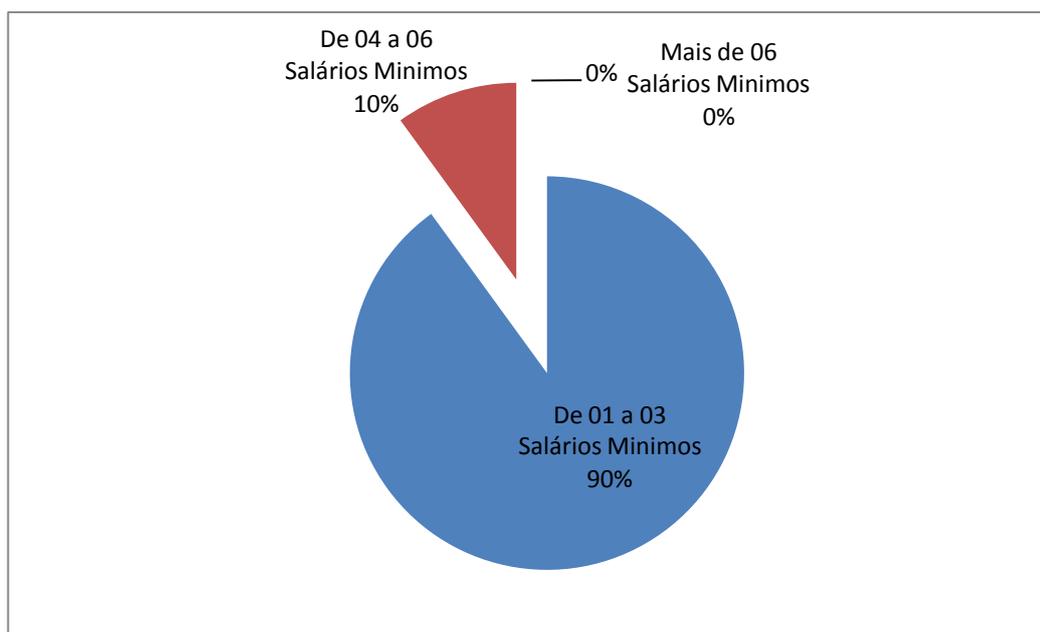


Gráfico 3 - Renda Mensal
Fonte: AMORIELO, G.,2013

Notou-se no trabalho de campo, que muitas dessas residências vitimizadas estavam em reforma. A casa simples e desajeitada, pode-se tornar ampla e confortável, por isso lançam-se mão dos sistemas de crediários. A facilidade que a população de menor renda tem para empréstimos direcionados para as reformas residenciais reafirma o hedonismo contemporâneo, onde importante é ter e consumir em nome do bem estar e da felicidade, nem que seja através de financiamentos longínquos. Consequentemente uma casa restruturada precisa de utensílios domésticos melhores e em quantidade. Essa relação consumo-prazer-bem estar faz torna uma paisagem atraente para o infrator, sua percepção é distorcida da realidade dos moradores do módulo V.

Perguntou-se, também, aos entrevistados se eles sentiam-se seguros no bairro. A resposta foi unânime e categórica, não. Nenhum dos entrevistados sentiu-se mais seguros no módulo V. Pode-se perceber então que o bairro já não é mais como antigamente, segundo opinião recorrente dos entrevistados.

Esta insegurança foi justificada pela falta de policiamento no local e um trabalho mais ativo por parte das autoridades para combater tráfico de

entorpecentes, que segundo eles é um dos principais motivos do crime de furto no bairro. Observa-se, aqui, que a população converge com a colocação do delegado.

Foi perguntado se as vítimas tinham informação se o crime de furto havia aumentado no bairro entre os meses de janeiro a outubro do corrente ano, novamente a resposta foi unânime, sim. Todos sabiam que tinha ocorrido um aumento significativo desse delito. Alguns dos entrevistados disseram que além de serem vítimas, conheciam ou tinham amigos e parentes já tinham tido suas residências furtadas.

Para os entrevistados, a classe social que mais sofre com o furto, no bairro, é a classe média. Essas respostas, só veem ratificar a discussão feita na análise do gráfico 03.

O gráfico 04 mostra o número de vezes que os entrevistados foram vítimas do crime de furto entre os meses de Janeiro a Outubro de 2013. Em alguns casos, verificou-se que existem vítimas que foram furtadas mais de uma vez nesse período. Outras uma vez, somente. O medo aterroriza essas pessoas, pois não querem ser reincidente no fato. Alguns moradores disseram que os autores deste tipo de delito quando são presos, logo estão nas ruas novamente e conseqüentemente voltam a cometer crimes.

O gráfico 4 aponta que 50% foram furtados apenas uma vez, 40% duas vezes e 10% mais do que duas vezes. Os dados mostram que a menor taxa, 10% que foram furtados mais que duas vezes, são as mais preocupantes, uma vez que estas famílias estão sendo alvos fáceis para estes infratores que devido a vulnerabilidade da residência tende a facilitar a ação. Já a maioria dos entrevistados que foram vítimas apenas uma vez, fizeram com que esta ação fosse retraída por motivos de segurança. que a proporção entre os que já foram furtados uma vez e mais de uma vez estão quase equiparados em relação aos números pesquisados.

Desses residentes, alguns colocaram que não sofreram a violência novamente, pois instalaram um tipo de segurança ou quando saem, recorrerem à ajuda dos vizinhos para tomarem conta de suas casas. Um simples cão de guarda ou grades de proteção nas janelas dos quartos faz com que estas ações sejam dificultadas pelos autores do delito.

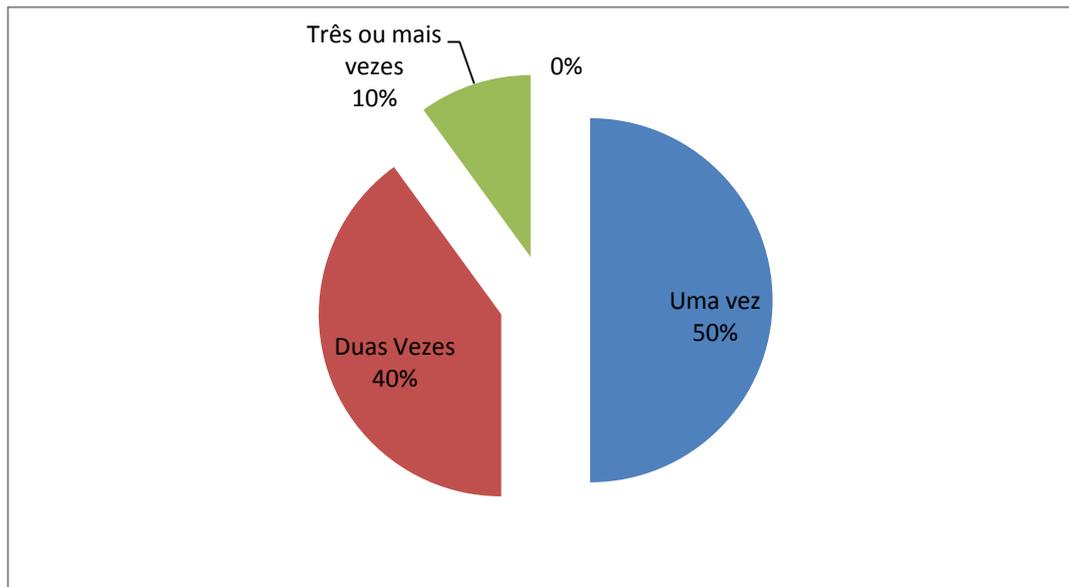


Gráfico 4 - Quantas vezes sua residência já foi furtada no período de Janeiro a Outubro deste ano?

Fonte: AMORIELO, G.,2013

Já no gráfico 05 mostramos a opinião dos entrevistados referente a motivação do crime de furto no bairro. Na análise, 90% alegam o uso de entorpecentes, 10% colocam que as vitimas, deste crime, facilitam o fato, por vários tipos de descuidos.

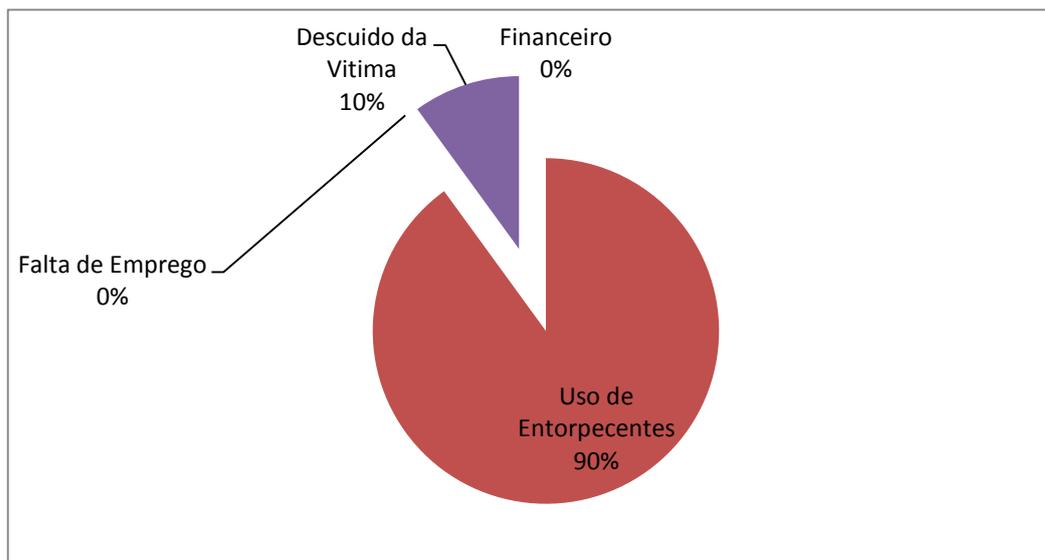


Gráfico 5 - Na sua opinião qual o motivo que leva o individuo a cometer o crime de furto

Fonte: AMORIELO, G.,2013

O gráfico 06 percentua que 77% dos crimes acontecem à tarde. A maioria dos entrevistados disseram que suas residências são mais vulneráveis no período vespertino. Pois, é o período no qual as casas ficam sozinhas. Os residentes, estão

no trabalho, crianças na escola, enfins fazendo o que o cotidiano pede. Com isso, esses lares ficam passíveis à ação dos infratores, e executam o delito.

Entretanto, os indivíduos que cometem os furtos não estão preocupados com o horário em cometer o delito, já que na maioria dos casos muitos moradores, estão ausentes, com isso a probabilidade de alguém ver a ação destas pessoas são muito baixas.

O próprio delegado de Polícia orienta as vítimas, quando das queixas crimes na delegacia, para que quanto a residência for ficar por um tempo prolongado à vulnerabilidade dos criminosos, é aconselhável pedir aos vizinhos para que faça a monitoria do imóvel, e qualquer anormalidade chamar a polícia no 190 ou 197.

Percebe-se aqui, que o município de Juína é pequeno em proporção aos grandes centros do eixo Sul-Sudeste principalmente, mas que apresentam os males espalhados nesses centros. No entanto, ainda há um resquício de cidade pequena e solidária, na qual se pode pedir ao vizinho para que tome conta de seus bens.

A maioria dos crimes de furto é contra propriedades e, não contra as pessoas de uma forma direta, por outro lado estas pessoas são afetadas em relação aos fins econômicos, ou até mesmo por ter sentimentos significativos aos bens materiais. Procura-se em todos os segmentos soluções para reduzir esse índice de criminalidade, mais infelizmente, até mesmo o cotidiano do crimes tem suas atualização social, pois em determinadas épocas alguns tipos de crime diminuem e outras aumentam, caracterizando-se como o crime da época ou o crime da moda.

Em geral, os crimes são ações momentaneas e em alguns casos ocorrem em função de uma oportunidade, uma janela aberta deixada pela vitima, por exemplo. A questão da violência e da criminalidade não são fatos recentes, porém nos dias atuais têm-se intensificado, por inúmeros fatores, que não é o nosso foco de pesquisa.

As graves consequências dos desrespeito a estas leis e o excessivo consumo de produtos e serviços podem ser verificadas em todos os campos da atividade humana ao ponto de gerar grandes conflitos entre os indivíduos na sociedade.

Atualmente apenas as ações de repressão e as leis não tem surtido o efeito de controle, à uma necessidade premente, no município, em unir, os diversos

segmentos das polícias locais, instancias governamentais e sociedade. Uma das ações conjuntas é promover palestras em sociedades amiga dos bairros, Ongs e passar instruções básicas, como as sugeridas pelo sr.delegado. Promover encontros com os educadores de todos os níveis, para que repliquem em sala de aula a confluência entre consumo de drogas e furto em residências para que se possa tornar Juína tranquila novamente e fazer jus aos seu título: Rainha da Floresta e, assim, conduzir um a um os males para a caixa de Pandora.

CONCLUSÃO

Desde quando há a necessidade de se povoar um determinado espaço urbano, acontecem diversas transformações referentes ao processo de desenvolvimento. As pessoas se deslocam de um lado a outro em busca de seus ideais para construir e adquirir algo ao longo dos tempos e progredirem na vida. Toda cidade surge com intuito que seus colonizadores possam se organizar de forma que se estabeleçam vínculos tanto na esfera profissional quanto pessoal, e essa necessidade faz com que surjam as diferenças entre elas.

A cidade de Juina trás em sua história um pouco deste espaço que foi se transformando ao longo dos tempos com seu desenvolvimento e progresso, aos poucos seus colonizadores foram chegando e se instalando, junto vieram as mazelas da caixa de pandora, os problemas surgiram e as dificuldades foram aparecendo.

Os crimes como um todo, surgem de maneira em que indivíduos entram em conflitos por diversos fatores seja para defender seu espaço, sua dignidade, seu caráter, e até mesmo para alimentar-se de sua própria vontade em se satisfazer de algo que parece comum mais que estão infringindo a lei de alguma forma.

Diante do exposto, pode-se concluir a extrema importância em se trabalhar o tema proposto, ainda mais levando-se em conta a época em que vivemos em que tudo se torna mais fácil em adquirir algo que possa satisfazer nossas necessidades e despertando ainda mais a cobiça alheia.

É notória a falta de interesse por partes dos nossos governantes a respeito do assunto, embora exista algumas raras exceções, a falta de incentivos para a segurança pública que se faz presente para a sociedade na hora em que ela mais precisa para defender seus direitos perante a marginalidade.

Em Juina são muitos os casos de furto a residência, e no bairro Módulo 05 é surpreendente este números, além de que é notório, a maior incidência do crime entre os setores D, E e F, ainda mais quando se trata aos indivíduos que cometem este crime a tão somente para satisfazer as necessidades principalmente ao uso de entorpecentes, são objetos subtraídos das residências e trocados nas chamdas “Bocas de Fumos” por valores irrisórios afim de atender a vontade momentânea. O

furto acontece de forma em que o objeto é retirado da esfera de disponibilidade da vítima e ingressa na disponibilidade do autor, obtendo-se de forma tranquila ainda que possa ficar por poucos instantes com o objeto, como é o caso da maioria dos fatos em que ocorre no Módulo V.

A população que paga os impostos dignamente clama por mais segurança, haja visto que em sua maioria sentem medo ao sair de suas casas para trabalharem ou estudarem e quando retornarem se depararem com um cenário nada agradável.

Para isso, devemos rapidamente impor soluções e metas a serem tomadas pelos órgãos governamentais em parceria com a sociedade em geral para tentar amenizar este problema que analisando de forma documental, o espaço geográfico do bairro Módulo V há uma grande concentração de tal crime no ano de 2013 considerando os meses de janeiro á outubro.

Com os estudos *in loco*, foi percebido que estes setores possuem maior probabilidade em acontecer o fato mediante estar muito próximos as áreas verdes que possibilitam a ação dos infratores que as utilizam como um esconderijo e por serem lugares distantes das bases policiais.

Conclui-se que, com algumas alternativas, estes moradores do Bairro consigam amenizar tais crimes, baseando-se na diversidade sócio econômica destes, pode-se precaver com medidas de segurança desde as mais sofisticadas até as mais simples para inibir esta ação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ALESSANDRI C. A. F. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo), 1994

BOURDIEU, Pierre "**A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**", Lisboa, 1970.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMPOS, Julio. **Revista Fundação, Município de Mato Grosso**. Nº 08, setembro, 1993. p.01

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1983

DUARTE; Carlos, et al. **Revista Municípios de Mato Grosso**, Ed. nº 08, p.07, 1993

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Nacional, 2001, p. 68.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

GRECO, Rogério. **Código Penal Comentado**. 7ª Edição, Editora Impetus, Rio de Janeiro, 20013.

IORIS, Lídio, **Juiná: a Rainha da Floresta**; São Paulo; editora All Print, 2009.

JOANONI N. V. **Fronteiras da Crença: Ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970**. Ed. UFMT, 2007; Cuiabá/MT.

MARTINS; N. M. **Cidades: história, mutações e desafios**; São Paulo; editora Arte & Ciência, 2007)

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

PEREIRA, P. C. X. P. **Cidade: sobre a importância de novos modos de falar e pensar as cidades**, Porto Alegre, UFRGS 2001, p. 261-284

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo; Editora Ática, 1993.

SANTO, Milton. **A urbanização Brasileira**, São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997

TOLEDO; Antonio Luiz Pinto, et al. **Código Penal e Constituição Federal**, São Paulo, Ed.Saraiva, 14ª edição, 2009.

TUAN, Yi-fu, **Paisagens do Medo**, São Paulo, editora UNESP, 2005.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das cidades complexas**. 3ª ed. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, p. 9, 2003.

<http://www.dicio.com.br/criminalidade/>. Acesso em 23/09/2013

<http://www.mteseusmunicipios.com.br>>. Acesso em 28 de maio 2013 às 20:30 horas.

http://www.marizapeirano.com.br/artigos/1983_etnocentrismo_as_avessas.htm. Acesso em 15, nov, 2013

<http://www.ibapepb.jp.com.br>. Acesso em: 16, set, 2013.

<http://www.principiologia.blogs.sapo.pt/1852.html>. Acesso em 19/09/2013.

<https://www.achando.info/index.php?query=sigla+AR&action=search>. Acesso em 16/09/2013.

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11889/1/ARTIGO_RelacoesSociaisPrincipios.pdf. Acesso em 16/09/2013

<http://www.historiazine.com/2013/01/as-ordalias-da-idade-media.html>. Acesso em 16/09/2013

http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8695. Acesso em 16/09/2013

<http://www.dicio.com.br/latifundio>. Acesso em 16/09/2013

<http://www.significados.com.br/dadiva/>. Acesso em 18/11/2013

ANEXOS**QUESTIONÁRIO VOLTADO AS VITIMAS DO CRIME DE FURTO NO
BAIRRO MÓDULO 05****1- ESTADO CIVIL:**

Casado(a) ()

Solteiro(a) ()

Outros ()

2- FAIXA ETÁRIA:

18 Á 28 ()

29 A 39 ()

40 A 50 ()

51 ou mais ()

3- GRAU DE ESCOLARIDADE:

Não Alfabetizados ()

Alfabetizados ()

Ens. Fund. Incompleto ()

Ens. Fund. Completo ()

Ens. Médio Incompleto ()

Ens. Médio Completo ()

Ens. Sup. Incompleto ()

Ens. Sup. Completo ()

4- RENDA MENSAL:

De 01 a 03 Salários Mínimos ()

De 04 a 06 Salários Mínimos ()

De 07 a 10 salários Mínimos ()

Acima de 10 Salários Mínimos ()

5- VOCE SE SENTE SEGURO NO BAIRRO ONDE MORA?

Sim ()

Não ()

Justifique: _____

**6- VOCE ACHA QUE O CRIME DE FURTO AUMENTOU NO BAIRRO
MÓDULO 05 DOS MESES DE JANEIRO A OUTUBRO?**

Sim ()

Não ()

Não tem Conhecimento ()

**7- NA SUA OPINIÃO QUAL A CLASSE SOCIAL MAIS PROPICIA A SEREM
VITIMAS DO CRIME DE FURTO?**

Baixa ()

Média ()

Alta ()

Justifique: _____

**8- QUANTAS VEZES SUA RESIDENCIA JÁ FOI FURTADA NO PERIODO DE
JANEIRO A OUTUBRO DESTE ANO?**

Uma vez ()

Duas vezes ()

Três vezes ou mais ()

**9- NA SUA OPINIÃO QUAL O MOTIVO QUE LEVA O INDIVIDUO A
COMETER O CRIME DE FURTO?**

Financeiro ()

Uso de entorpecentes ()

Falta de emprego ()

Descuido das vítimas ()

**10- QUAL O PERIODO DE MAIS AUSENCIA DE PESSOAS EM SUA
RESIDENCIA?**

Matutino ()

Vespertino ()

Noturno ()